

e a de Nilo Peçanha, do lado de forças partidárias também tradicionais, mas agora cindidas e antagonizadas com as primeiras. A vitória de Bernardes anunciava-se tranqüila, dentro das estreitas normas do jogo eleitoral; Nilo Peçanha só teria sucesso se algum fator estranho fosse introduzido no quadro; esse fator poderia ser a força armada. Como parcela da pequena burguesia, a força armada estava consciente das mazelas do regime e da farsa em que se resumia o ato eleitoral; para ela, em seu pequeno e estreito reformismo moralista, tudo se colocava como luta entre o bem e o mal, um bom candidato, o da oposição, e um mau candidato, o da situação, por ser da situação.

Foi a imprensa que transformou a centelha em incêndio. A centelha saiu das mãos de dois aventureiros, Pedro Burlamáqui e Oldemar Lacerda: foram a Belo Horizonte, obtiveram papel com o timbre *Governo de Minas Gerais* e nele escreveram duas cartas, atribuídas ao candidato Artur Bernardes, cuja caligrafia foi rigorosamente imitada, insultando o Exército e particularmente o marechal Hermes da Fonseca, que se vinha opondo às tropelias militares em Pernambuco. Prontas as cartas, Burlamáqui e Lacerda procuraram amigos e parentes de Hermes, que se recusaram; dirigiram-se, então, ao governo de Minas, propondo-se vendê-las por trinta contos de réis, recebendo outra negativa. O chantagista Oldemar Lacerda entendeu-se então, com Irineu Machado, senador pelo Distrito Federal, partidário da candidatura de Nilo Peçanha. Irineu ouviu um perito em grafologia, ou que assim se apresentava, e que concluiu pela autenticidade da autoria de Bernardes. O segredo de muitos começou a transpirar: a 20 de setembro de 1921, o *Jornal do Comércio* publicou uma *vária* que desvendava a trama: “Ensaíam-se, porém, agora, na sombra, outras armas que não são propriamente políticas nem jornalísticas, mas de pura exploração, para ameaçar e extorquir dinheiro. . . É o caso, espalhado à surdina, de umas cartas manuscritas, que o seu possuidor assoalha serem do próprio punho do sr. Artur Bernardes, o Presidente atual de Minas, candidato da maioria dos Estados ao supremo posto da República. Essas cartas, apregoadas pelo seu portador como autógrafas, e oferecidas à venda nesse caráter, ora aos amigos do sr. Bernardes, ora aos adversários da candidatura deste, puderam ser escritas em papel timbrado do gabinete do presidente de Minas e, consta, imitam muito bem a letra do mesmo”.

No dia 8 de outubro, no Senado, o falsário Oldemar Lacerda entregou ao redator político do *Correio da Manhã*, Mário Rodrigues, na presença de Irineu Machado, as cartas por ele forjadas. No dia seguinte o jornal de Edmundo Bittencourt estampava o *fac-símile* de uma delas na primeira página. Assim começou a luta que iria abalar o país. No mesmo